

CLAUDIO MAGRIS

Às cegas

Romance

Tradução

Maurício Santana Dias



Copyright © 2005 by Claudio Magris
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Alla cieca

Capa

Mariana Newlands

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Luiza Couto

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Magris, Claudio

Às cegas : romance / Claudio Magris ; tradução Maurício
Santana Dias — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Alla cieca.

ISBN 978-85-359-1542-6

1. Romance italiano i. Título.

0909128

CDD-853

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura italiana 853

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

1.

Caro Cogoi, para dizer a verdade, mesmo se fui eu que escrevi, não estou certo de que alguém possa contar a vida de um homem melhor do que ele mesmo. Claro, aquela frase tem um ponto interrogativo; aliás, se me lembro bem — tantos anos se passaram, um século, o mundo aqui ao redor era jovem, uma alba úmida e verde, mas já era uma prisão —, a primeira coisa que escrevi foi justamente aquele ponto de interrogação, que arrasta tudo atrás de si. Quando o doutor Ross me incentivou a redigir aquelas páginas para o anuário, eu gostaria — e isso teria sido mais honesto — de ter lhe enviado muitas laudas com apenas um belo ponto de interrogação, mas não queria ser indelicado com ele, tão benevolente e gentil, ao contrário dos outros, e além disso não era o caso de contrariar alguém que podia tirá-lo de um bom cantinho como a redação do almanaque da colônia penal e mandá-lo para o inferno de Port Arthur, onde basta sentar no chão por um segundo, esgotado por aquelas pedras e a água fria, para cair na chibata.

Então pus diante daquele ponto interrogativo apenas

a primeira frase, e não toda a minha vida, a minha, a sua, a de quem for. A vida — dizia Pistorius, nosso professor de gramática, acompanhando com gestos redondos e pacatos as citações latinas naquela sala atapetada de um vermelho que à tarde escurecia e se apagava, brasas da infância que ardiam no escuro — não é uma proposição ou uma asserção, mas uma interjeição, uma pontuação, uma conjunção, no máximo um advérbio. Seja como for, jamais uma das chamadas partes principais do discurso — “Tem certeza de que ele dizia assim mesmo?” — Ah... sim, doutor, pode ser, talvez não fosse ele que usasse esta última expressão, talvez fosse a professora Perich, depois Perini, em Fiume, porém mais tarde, bem mais tarde.

De resto, aquela pergunta inicial não pode ser levada a sério, porque já contém a resposta evidente, como as perguntas que são feitas aos fiéis num sermão, elevando o tom da voz. “Quem pode narrar a vida de um homem melhor do que ele mesmo?” Ninguém, é óbvio, parece espalhar-se o murmúrio das pessoas respondendo ao pregador. Se há uma coisa a que me habituei foi às perguntas retóricas, desde que passei a escrever, nas prisões de Newgate, os sermões para o reverendo Blunt, que me pagava meio xelim por cada um e enquanto isso jogava palitinho com os guardas, esperando que eu também fosse jogar, assim frequentemente recuperava aquele meio xelim — nada de estranho, eu também estava ali dentro porque tinha perdido tudo no jogo.

Mas pelo menos lá, naquela cela, enquanto escrevia entre aqueles muros imundos, era eu que inventava aquelas perguntas fajutas, ainda que depois fosse o reverendo que as esbravejasse do púlpito, enquanto fora, em todo lugar, antes e depois, por anos e anos e saecula saeculorum elas tenham sido gritadas nos meus ouvidos, “Então foi você quem armou sozinho aquele pandemônio na Islândia, assim, por puro amor àquela pobre gente raquítica e tinhosa, sem que ninguém lhe desse uma mão para pôr de cabeça

para baixo a ordem dos mares de Sua Majestade, sei, então você cuspiu com desprezo sem pensar que estava lá na fila com os outros, ouvindo o discurso do novo comandante da penitenciária”, e tome-lhe chibatada, “então não reconhece aquela cara de comunista, nunca a viu, e aqueles panfletinhos foram parar no seu bolso por milagre”, e tome-lhe chute e cassetete, “quer dizer que você não é um espião, um traidor que veio para sabotar, fingindo-se de companheiro, a livre Iugoslávia socialista dos trabalhadores, quem sabe não é um porco fascista italiano que quer retomar a Ístria e Fiume”, e direto com a cabeça no buraco da latrina ou correndo o mais rápido possível entre as filas dos prisioneiros, e enquanto você passa eles devem chutá-lo o mais forte que podem e gritar “Tito Partija, Tito Partija!” — mas de onde vêm estes gritos, que barulho, não ouço mais nada, de quem é este ouvido surdo, atordoado, posto de lado, deve ter sido uma porrada, e se alguém a deu alguém com certeza a recebeu, eu ou um outro.

Pronto, passou, o estrondo se abrandou. Aquela também foi uma pergunta retórica; é meu ouvido, este, visto que o senhor, doutor Ulcigrai, se inclina para o outro, o esquerdo, quando me questiona “Então seu verdadeiro nome seria Jorgen e isto teria sido escrito por você”, mostrando-me o velho caderno que eu encontrara naquela livraria de Salamanca Place. Pelo menos o senhor não ergue as mãos, ao contrário, é gentil, não se ofende nem mesmo quando o chamo de Cogoi nem insiste com as perguntas. Se fico calado, não se incomoda, mas enquanto isso me pergunta e é inútil, porque o senhor já conhece a verdade, ou crê que conhece, o que dá no mesmo, de qualquer modo já conhece minha resposta quando lhe respondo — ou então a sugere, coloca-a em minha boca.

Uma resposta firme e segura, no essencial; às vezes, admito, um tanto confusa nos detalhes. Mas o que fazer com todo esse vaivém, com tantas coisas que se amontoam, anos e países e mares e prisões e rostos e fatos e pensamentos e mais prisões e rasgados

céus da noite de onde o sangue escorre em fluxos e feridas e fugas e quedas... E a vida, tantas vidas, não é possível mantê-las juntas. Além de tudo, esgotado por interrogatórios sem trégua, é ainda mais difícil pôr as coisas em ordem, muitas vezes não se reconhece a própria voz e o coração. Por que, de vez em quando, indo para a frente e para trás com essa fita, o senhor me faz repetir suas perguntas? Talvez para que eu as registre melhor, comprehendo, é verdade que às vezes me perco, mas assim me perco ainda mais, quando ouço o senhor falando com minha voz. Seja como for, quanto mais se é interrogado, menos se sabe a resposta — se você cai em contradição, dizem, espremem-no mais ainda, de leve ou com força, segundo a competência de cada um.

Não sei bem o que quer dizer contradição, mas com certeza caímos nela, não há dúvida. E desaparecemos, fiapos tragados por redemoinhos de água na pia — aqui no hemisfério austral a água da banheira gira ao redor do buraco em sentido anti-horário, já entre nós do Norte é o inverso, em sentido horário. Pelo que li, é uma lei da física chamada força de Coriolis — admiráveis simetrias da natureza, quadrilha em que um casal avança enquanto outro recua, ambos se inclinam quando é sua vez, e a dança não sai do ritmo. Um nasce e outro morre, uma linha de infantaria é abatida a canhonaços numa colina, outras divisões e bandeiras estão logo depois na crista da colina, e uma nova descarga as abate, por sua vez. “Então as contas batem...” Sim, dar e receber, vitória e derrota, o banho nos cárceres de Goli Otok e depois os banhos de mar naquelas mesmas praias maravilhosas da ilha adriática, o comunismo que nos libertou do Lager e nos meteu num gulag onde resistimos em nome do companheiro Stálin, que enquanto isso mandava outros companheiros nossos para os gulagui.

“As contas batem e, se o sangue mancha os livros contábeis, não apaga as cifras nem o zero final, a equivalência entre ativo e passivo.” Se há alguém que pode dizer isso sou eu, que passei

muitos anos na prisão e nesta mesma cidade que tinha fundado, com suas casas e sua igreja e até uma cadeia, muitos anos antes, quando neste imenso estuário do Derwent, onde não se entende em que ponto termina o rio e o mar começa, neste grande vazio em que não há nada até o nada das Antártidas e do Polo Sul, havia apenas cisnes negros e baleias que nunca haviam experimentado um arpão fincar-se em seu dorso e fazer o sangue esguichar alto como a água soprada pelas narinas. A primeira baleia quem feriu fui eu, Jorgen Jorgensen, rei da Islândia e condenado, construtor de cidades e de prisões, da minha prisão, Rômulo que termina escravo em Roma. Mas todos esses moinhos de vento que dispersam a poeira dos mortos e dos vivos não têm muita importância. O decisivo, doutor Ulcigrai, é que eu possa responder nitidamente às suas perguntas pleonásticas no que diz respeito ao essencial, porque sei quem sou, quem era, quem somos.

Mas o que isto quer dizer — “Eu sei mais.” —, isto é, o senhor? Sim, comprehendo, está convencido disso. Toda a verdade naquele prontuário enfiado no arquivo — não foi difícil surrupiá-lo sem dar na vista, bem debaixo do seu nariz. Uma brincadeira de criança para quem passou a vida sendo espionado, perseguido, fichado, registrado na polícia, no Lager, no hospital, OVRA, Guarda Civil, Gestapo, UDBA, penitenciária, Centro de Saúde Mental, e sempre é preciso sumir com os papéis. Até engoli-los, se for o caso; seja como for, embaralhá-los antes que o descubram. Agora o prontuário está de novo lá, preso e posto no lugar sem que ninguém tenha notado. De qualquer forma, os senhores não conservam mais esses papéis desde que se modernizaram e basta apertar uma tecla para saberem tudo. O fato é que o prontuário está no arquivo e na minha cabeça, embora o senhor ache que possa conter e explicar minha cabeça. Centro de Saúde Mental de Barcola, resumo do prontuário clínico de Cippico — também Cipiko, Čipiko —, Salvatore, entrada em 27/3/1992, depois de

uma precedente internação de urgência um mês antes. Deve ser. Passou tanto tempo... Repatriado da Austrália, domiciliado provisoriamente em casa de Antonio Miletti-Miletich, Trieste, via Molino a Vapore 2. Magnífico, enganei vocês. A primeira coisa é mudar de nome e dar um falso endereço. Eles têm a mania de fichá-lo de uma vez por todas, de metê-lo imediatamente num vistoso escaninho, nome, sobrenome e endereço esculpidos para sempre por pompas fúnebres, e você no entanto embaralha os nomes, as datas, os números — alguns continuam do mesmo jeito, corretos, outros são meio misturados, assim eles não entendem mais nada e não sabem onde procurá-lo. Acho ótimo que me imaginem lá em Barcola, de cabeça para o alto, contemplando a Ístria além do golfo de Trieste, a catedral de Pirano e Punta Salvore, porque assim, aqui nos antípodas, ninguém pensará em me buscar entre os de cabeça para baixo.

Nascido em Hobart Town, na Tasmânia, em 10/4/1910. Se vocês dizem, deve ser. Viúvo — erro crasso. Casado. O matrimônio é indissolúvel, não está nem aí para a morte, seja a sua ou a minha. Profissão, nenhuma — para ser franco, uma sim, a de detido. E interrogado. No passado desempenhou várias atividades. Verificou-se que na Austrália trabalhou como torneiro e depois tipógrafo na tipografia do Partido Comunista de Annandale, Sydney, e jornalista do *Risveglio* e da *Riscossa* na mesma cidade. Inscrito na Liga Antifascista de Sydney desde 1928 e no Círculo Matteotti de Melbourne, ativista militante, implicado nos confrontos de Russell Street em Melbourne, 1929, e em Townsville, 1931. Expulso da Austrália em 32 e repatriado à Itália, onde já havia vivido com o pai durante a infância, entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o advento do fascismo. Com que ar satisfeito o senhor está lendo, doutor, até parece que são dados seus, nem se dá conta das partes apagadas e retocadas.

Mérito seu, mais do que meu; sou meio desajeitado quando

uso aquele troço cheio de teclas; e se não tivessem me dito que se chama PC, como o outro, eu nem teria tentado. Psicoterapia informática, novos tratamentos tecnológicos para os distúrbios psíquicos. Assim é bem mais fácil forjar um formulário. Bastam alguns toques no teclado, sem ter de recorrer àqueles giros para distrair o dragão e roubar o tesouro, e é você que entra dentro da ficha, em sua própria vida, e a remaneja e inventa como bem quiser. Bem, somente alguns deslocamentos de data e de lugar e alguns nomes camuflados, retoques modestos, não me parecia o caso de exagerar e além disso eu nem seria capaz. De qualquer modo, não tenho muitas objeções quanto àquela minha ficha. Portanto...

Trabalhei algum tempo como empregado nos canteiros navais de Monfalcone e na sociedade marítima Sidarma. Demitido depois de detenção por propaganda e atividade antifascista. Militante do Partido Comunista clandestino. Várias vezes detido. Confirme. Participou da Guerra de Espanha. Militar na Iugoslávia; depois do 8 de setembro, membro da Resistência. Deportado a Dachau. Em 47, emigra para a Iugoslávia com dois mil “monfalconenses” para construir o socialismo. Trabalhou nas construções de Fiume.

Depois do rompimento entre Tito e Stálin, é preso pelos iugoslavos como membro do Cominform e deportado em 49 para o gulag de Goli Otok, a ilha Nua ou Calva, no Quarnero. Submetido, como os demais, a trabalho inumano e massacrante, sevícias e torturas. Provavelmente remontam a esse período seus distúrbios delirantes e suas acentuadas manias de perseguição. Queria ver o senhor, doutor Ulcigrai, depois de um tratamento como aquele, Dachau e Goli Otok, terapia intensiva, dose dupla. Pessoas a informar, nenhuma. Exato, ninguém. De resto, seria perigoso se houvesse alguém informado sobre mim — mais cedo ou mais tarde qualquer um pode dedurar, talvez até convencido de fazer o bem, porque lhe disseram que você é um inimigo do povo, um traidor.

Emigrado para a Austrália em 1951. De constituição particularmente robusta. Cicatriz de uma tuberculose óssea contraída em Dachau. Outras cicatrizes em várias partes do corpo. Tendência mitômana a exagerar as próprias desventuras. Fácil dizer isso para quem não esteve lá dentro nem um dia. Ideias paranoides — é verdade, depois de ter estado em todos os Lager da Terra talvez tenha a mania de acreditar que querem me perseguir. Obcecado com a deportação a Goli Otok pelos iugoslavos em 49. Talvez o senhor se questione sobre o porquê dessa obsessão, outra bela pergunta retórica...

De qualquer modo, aquelas perguntas retóricas — acho que foi o reverendo Blunt que me disse que elas se chamam assim — me agradam, porque ensinam que nunca há resposta para tais perguntas, a menos que alguém já a tenha na cabeça e a diga por conta própria, como o senhor faz frequentemente atribuindo-a a mim, mas então é inútil formular as perguntas. No entanto talvez não, faz bem ouvir a resposta daquilo que já se sabe; é só a própria voz que se escuta, como quando estamos no alto de um mastro e gritamos ao vento. O grito se perde no mar, só você ouviu aquilo que foi gritado, mas não está muito seguro de que seja sua voz, talvez a lufada tenha lhe trazido a de um outro, gritada do alto de um outro navio desaparecido além do horizonte, como eu vi desaparecerem tantos nos anos que passei nos oceanos; o navio segue veloz e deixa para trás as vozes saídas da ponte e da estiva, pássaros que revoam na popa e depois ficam para trás, perdidos. Por um tempo você ainda as distingue, as vozes, depois há um estrídulo indistinto, o vento bate em seu rosto e as asas dos pássaros gritam dentro dos seus ouvidos, vozes, urros, palavras, toda uma turba selvagem e flagelada em sua cabeça.

Seja de quem for, uma voz é sempre um consolo depois que você está horas e horas sozinho na cela escura e fétida ou lá em cima no mastro, entre ondas que se lançam para o alto, surdos e

espumosos tiros de canhão contra as muralhas de nuvens. E são muitos gritos, de um só ou de muitos — não, nunca se está só, há sempre alguém que me vigia —, mas não há nunca ninguém que lhe responda quando você pede alguma coisa de que precisa. Todos calados, como sir George que se cala quando recebe minhas súplicas para enviar a Londres uma petição de graça, depois de tantos anos de colônia penal passados aqui.

Até Aquiles e Agamêmnon — que, como li naquele meu texto, tiro da cartola dizendo que somente os reis e os heróis como eles precisam de um Homero para cantar suas gestas — citei ali para impressionar o governador e os da Companhia da Terra de Van Diemen. Devem meter na cabeça e lembrar que sei manejár não só o machado para reparar a pala de um remo ou para abrir picadas na floresta — e melhor do que muitos condenados —, mas também a caneta; é verdade que embarquei aos catorze anos num collier inglês que levara carvão de Newcastle a Copenhague e fiquei quatro anos navegando entre Londres e o Báltico, mas tive tempo de ler meus livros — e também os escrevi — e conheço os antigos talvez melhor do que nosso capelão Bobby Knopwood conhece a Bíblia.

Mas com essa gentalha é tempo perdido. A única coisa que sabem ler são os livros contábeis da Companhia, com os grandes lucros de seu monopólio, e os registros do Almirantado. O companheiro Blasich — professor Blasich, professor de liceu — era um crápula e acho que me mandou de propósito para o inferno de Goli Otok, mas pelo menos, com seu grego e latim, sabia apreciar a cultura; de resto, o Partido sempre admirou e ensinou a admirar os intelectuais, mesmo quando lhes tapava a boca às vezes para sempre. Mas o que isso tem a ver, por que me pergunta agora sobre Blasich, essa é outra história, não tenho nada a ver, deixe-me respirar, não me confunda, já estou bastante confuso sozinho, como todos, aliás...

Só me deixe terminar, eu estava falando de Aquiles e de Agamêmnon, que tiveram um Homero à disposição para o relato de seus feitos, enquanto eu devo fazer tudo sozinho, viver, combater, perder e escrever. É justo que seja assim. Teria sido indecoroso se, no meio das batalhas, aparições de deuses, ruínas familiares e de cidades, eles também se pusessem a fazer o resumo do dia; seria como pretender que fossem pessoalmente socorrer os feridos e sepultar os caídos. Para isso eles têm os escravos devotos de Esculápio e os coveiros, assim como os que trinham a carne para o almoço e até o aedo que canta ao final da refeição e põe suas vidas em ordem, enquanto eles o escutam entorpecidos pela sonolência.

É verdade, a sonolência é uma qualidade real. As coisas passam por você embaciadas, como por trás de uma colcha de neve; você faz o que tem de fazer, inclusive matar ou morrer, mas com descuido. Os ricos e poderosos possuem essa beata incúria, e nós, os danados da Terra, estamos aqui para fazê-la em pedaços, mas eu também posso essa virtude soberana, e por isso ainda estou aqui, entre tantas coisas que desmoronam sobre mim, desde sempre, desde menino, como o teto da Sala dos Cavaleiros, as paredes e os pesados retratos tomados pelo fogo no incêndio do palácio real de Christiansborg em Copenhague, e eu indiferente à fornalha e à destruição, à Torre Negra que desaba com fragor, aos tições que chovem em minha cabeça; menino, mas já regiamente letárgico em meio à barafunda da catástrofe, eu, que depois reinei sobre a Islândia durante três semanas, também indiferente à ridícula brevidade de meu reinado, rei apenas para essa sonolência que protegeu meu coração da aguda hostilidade das coisas... Como? Não, doutor, não se iluda, esses seus comprimidos e ampolas não têm nada a ver com isso, essa calma é mérito meu — quanto ao resto, no entanto, escravo nas galés, marinheiro desimportante, prisioneiro, condenado a manobrar as velas, a abater árvores

na floresta, a quebrar pedras, a recolher areia no mar gelado, a escrever e...

E aquela gentalha põe em dúvida a sentença que abre minha autobiografia — que escrevi apenas para eles, porque o doutor Ross a quis para o Almanaque de Hobart Town. Aquele desconhecido inoportuno, que se diverte me alfinetando com mensagens que me arremedam, quando nos levam para a sala e nos fazem jogar diante daquelas telas, nunca responde às minhas perguntas, mas apenas repete o que digo. Repetiu também aquela frase e logo encontrou algo a objetar. É claro que não é verdade, ninguém pode contar nem conhecer a si mesmo. Não se sabe como é a própria voz; são os outros que a reconhecem e a distinguem. É o senhor que sabe quando sou eu que falo, assim como eu conheço o senhor, vocês, eles, não a mim. Como Aquiles poderia narrar sua ira? Aquele delírio furioso, para ele, é algo que dá um nó nas tripas e faz tremer os lábios pálidos, como quando se vomita porque o navio balança sobre as ondas ou porque se bebeu demais, como fazia minha Norah quando tinha permissão para sair da colônia penal, em Waterloo Inn, e não só ali — e eu também, certo, mas ela era minha mulher, e o único modo de mostrar meu respeito por ela diante daquela corja que debochava na taverna, porque todos já sabiam como ia terminar quando Norah começava a beber, era me embriagando com ela. Unidos no bem e no mal até que a morte os separe, e aquela era nossa estrada, a estrada que percorríamos juntos, um homem e uma mulher acorrentados. Mas não saberia dizer se quando botava ordem naquele bando eu era um homem que se bate por sua honra, fazendo frente à inominável indecência da desgraça, ou somente um bêbado que não consegue concluir as frases e se esforça por responder à altura à corja que escarnece e se inclina chamando-o de rei da Islândia.

Sim, doutor, falaremos dessa história islandesa, imagine se não quero falar sobre isso, a história mais bela de minha vida.